

não augmenta na razão directa dos seus conhecimentos scientificos. Faltando-lhe os dons espirituais que fazem a superioridade da civilização latina, o germanismo ultrapassa, para o mal, contra a humanidade que pretende servir, quando se arvora em povo eleito de Deus, as regras e os limites necessários á actividade dos valores sociais para o florescimento duma civilização brilhante, feita como a latina, de toda a pujança da Força e de toda a espiritualidade da Beleza.

Augusto da Costa.

Não inserimos no presente numero o secção "Dos novos livros,, poroue Rocha Junior, que a escreve, acompanhã os aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral na sua viagem triumphal a Paris.

A Entrevista da semana

Mme. Delarue-Mardrus fala-nos de Portugal, do romanticismo e dos litteratos portuguezes

— E' aquella...

E o creado do Palace, galego muito bem disfarçado sob a casaca negra, indicava-nos, de dedo espetado, Madame Delarue-Mardrus, com o respeito assustado d'um etio pio que apontasse Cleopatra...

A vaporosa escritora francesa, que se oferecera, sorri-

dente e facil, aos primeiros *repoterr*s que a abordaram — resistia ou esquivava-se aos retardarios, sempre cheia de afazeres, de passeios, defendida por uma guarda feroz, atenta, de centuriaes galantes, que a cercava e afastava os inoportunos, como soldados da Babilonia defendendo a «Bela» de Baltazar.

Era necessario, pois, saber aproveitar a oportunidade: a admiravel tecedora de «Les Deux Amants» e de «L'occident», ficara abandonada, no meio do salão, fatigada, sonhadora, mirando com uma curiosidade de fotografo a janela velada pelos *stors* de cassa. Aproximámo-nos, com *pose* de indiferença e sentamo-nos abancando a uma escrevaninha quasi ao lado de Madame Mardrus, exagerando o ar de pessoa preocupada que necessita de silencio para redigir uma carta de amor ou um *memorandum* comercial. Mas a escritora, loira e distraida, não se surprehendeu com a nossa *pose*, com o nosso ar de pessoa preocupada. Nunca, como n'essa tarde, sentimos a falta de um monoculo. E assim estivemos segundos, minutos, aguardando o *momento*. E esse *momento* veio — generoso, alcoviteiro, como no teatro ou nas peliculas de cinema. Um *Excelsior*-esquecido sobre os joelhos de Madame Mardrus, resvalara para o tapete. Buscamol-o, rapidos, n'um gesto versail, lesco, muito proprio da situação, e assim começou a *conversa*...

— *Mais Monsieur... Merci... Mais de rien... Vous êtes bien gentile, etc., etc.*

Vagamente, damos-lhe a entender que somos jornalistas. E a poetisa de *A Maman*, como que presa d'um brusco interesse, interroga:

— E' redactor do *Diario de Lisboa* ?...

Para essa senhora, todos os jornalistas de Portugal devem pertencer ao *Diario de Lisboa*. Confessamos, envergonhados, que não tinhamos essa honra...

— Em todo o caso quizeramos arquivar no nosso *dossier* uma palestra com a mais moderna e mais delicada escritora da França...

Os elogios produzem no espirito de Madame Mardrus um efeito de cocaina. Despertou; os seus olhos arco-iriscos brilham mais; a sua boca, traço firme, sem curva.

vermelha de carmim, torceu-se um pouco, n'um sorriso superior. As suas unhas polidas como palhetas côr de rosa, arranham a cabeleira scintilante e ela predispõe-se a impor ao *reporter* a descripção preambular da entrevista. Quer ela propria dicar-nos o seu retrato...

Vulcão de champagne, vesúvio de graça, aberto sobre os *boulevards*, a poetisa, a romancista, a compositora, sente-se triunfante, nessa pequena visita pitoresca, ao extremo da Europa, n'um paiz de sonho romantico, que ella ambicionou sempre conhecer — como nós todos ambicionamos conhecer a Romenia ou Japão. E por isso, n'um entusiasmo certamente sincero, apesar de toda a frivolidade dos gestos, apesar da *maquillage* da frase, Madame Mardrus inicia, sem querer, a entrevista.

— Que belo paiz, o vosso !

Classico ! Quizemos obter-lhe uma imagem nova. E ella diz-nos :

— Portugal parece-me um museu, onde todos os nossos sonhos se juntam e se exhibem, para consolação dos românticos...

E' pelo romanticismo ? Não ? Ella explica :

— O romanticismo tem uma grave lenda a prejudical-o. Dizem os experimentistas que elle afasta as gentes do campo da vida e as suicida para a ação. Acusam-no ainda de mentiroso, de falso. Está bem. Mas, nem por isso é necessario destrui-lo por completo. Se o romanticismo é prejudicial, facil é arrancar-lhe as tuberculosas de que enferma e deixal-o sadio e forte. E, se conseguirmos nivelar o romanticismo com a vida — que importa que elle não seja o retrato brutal d'essa mesma vida ? A musica, a pintura não são mais uteis, sobre o ponto de vista experimental que a literatura romantica, e comtudo ninguém as ousa atacar com a violencia com que se atacou e se ataca ainda a literatura romantica. Pelo contrario. Atribuem-lhe a suavisação dos costumes e o refinamento dos gostos.

— N'esse caso, a sua teoria ?

— A minha teoria é que a literaturar para ser sã, para ser constructiva, para ser agradável, saborosa e por conseguinte util, necessita ser romantica ; necessita ser optimista. Em toda a minha obra — e já estão publicados qua-

si trinta volumes, entre vinte romances e dez livros de versos e de crônicas — vinquei, com toda a energia que pode a alma d'uma mulher, esse meu sentido... chamemos-lhe técnico... da arte de escrever.

— Como foi que se apaixonou pelas letras?

— Quando li, pela primeira vez, Victor Hugo. Quando voltei a última folha dos *Miseráveis* e o espaço em branco apareceu, como um pano de teatro que cae, dentro de mim tinha nascido a sede de escrever.

— Escreve sempre?

— Sempre. Todos os dias. Em Paris, dedico-me, pelo menos quatro horas diárias, a compôr os meus livros. Em viagem, mesmo quando me afundo no Oriente, com o meu marido, não chego nunca á noite sem ter enchido algumas folhas de papel.

— Conhece a literatura portugueza?

Madame Mardrus, que durante toda a conversação teixára de lançar o seu olhar, tão languido, tão próximo da minha cabeça, na curiosidade e preocupação em ponto fixo que, eu não podia ver, responde, afogueada:

— Sim. Tudo quanto me tem caído nas mãos tenho devorado com delícia, gulosamente.

— Em francez?

Madame Mardrus hesita. Depois...

— E' que eu tenho muita facilidade para comprehender o portuguez. Conheço o latim... o italiano... um pouco o castelhano...

— E que auctores prefere?

— Já o disse nas minhas conferencias. Carlos Malheiro Dias... Augusto Gil... Correia de Oliveira...

Os nomes saem-lhe dos labios carminados, em sílabas trabalhadas, embora que, com um esforço menor ao da primeira vez que os pronunciou, no teatro S. Luiz...

— E d'esses auctores quaes são as obras que o seu espirito tão sensível predilecta?

— Dificil de responder... — confessa.

E a seguir, voltando a mirar fixamente qualquer coisa sobre a minha cabeça, acrescenta:

— *Voyons...* De Malheiro Dias... Adoro o *Luar de Janeiro*, magnifico de elevação e de simplicidade. De

Correia de Oliveira a *Paixão da Maria do Ceu*... E' um romance moderno, cheio de vibração e de sentimento... Quanto a Augusto Gil... ã varias novelas d'ele, mas, francamente, não consegui retêr os titulos...

Intrigado por aquelle olhar firme, afilado, que Madame Mardrus projectava sobre os nossos cabellos para alem dos nossos hombros, resolvemos levantar-nos e descobrir o seu alvo. E, enquanto nos despediamos, e ela, oferecendo a sua mão de pelica ao nosso beijo, artificialmente francez, nos exigia...

« — *Mais... pas d'interview, monsieur...*

... o nosso olhar, ancioso, foi correndo até se encontrar com o de Madame Mardrus, n'aquelle ponto fixo que a hipnotisava. Era que, na parede fronteira, n'um espelho colossal, iam projectando-se, como n'um *écran*, os gestos, as atitudes, os esgares que ela combinava para brindar ao seu entrevistador.

Vulcões de *champagne*, abertos sobre os *boulevards*; orquideas da *coqueterie* creadas n'essa estufa de graça que é Paris: que artificiaes, que frivolas sois todas, mesmo quando atingis as culminancias d'uma Madame Delarue Mardrus...

Reynaldo Ferreira.

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero a secção "Vida Artistica Parisiense, de Diogo de Macedo.

Revista das revistas

«Diario de Noticias, illustrado» ---
Numero da Primavera

— Sua Excelencia sofre de fatura!...

Era assim que, acerca de Jacinto Galião e num optimo conceito cheio de gravidade e clareza, capaz de encher d'inveja muito individuo de côr branca, se expressava o